“O telefone celular é o meu automóvel”: Flexibilidade e dependendência das plataformas digitais por trabalhadores brasileiros no Reino Unido[1]

Thiago Álvares da Trindade[2]

Resumo expandido

O mundo do trabalho passou por mudanças estruturais devido à adoção de tecnologias digitais e ao surgimento de grandes corporações e startups no setor de tecnologia. As possibilidades de redução de custos e a facilitação na intermediação entre produtores, trabalhadores e clientes contribuíram para que as plataformas ganhassem maior relevância no cotidiano (VAN DIJCK, et al. 2018), materializando-se através de grandes empresas de tecnologia em setores como transporte e entrega. A presença das plataformas digitais, aliada à expansão das tecnologias de conectividade móvel, permitiu que as atividades pudessem ser facilmente realizadas com apenas alguns toques na tela de um telefone celular. No entanto, as mudanças no âmbito do trabalho revelaram uma realidade desequilibrada na relação entre as plataformas digitais e os trabalhadores parceiros, especialmente devido à negação de direitos a esses indivíduos, que muitas vezes enfrentam longas jornadas de trabalho, assumindo os riscos e custos de suas atividades (ABÍLIO, 2017).

Esta realidade afeta principalmente os trabalhadores informais que dependem desse tipo de relação para obter sua principal fonte de renda. O modelo de trabalho temporário, desprovido de vínculos ou garantias de direitos para o trabalhador, é conhecido como "*gig*

[1] Trabalho apresentado no GT: Transformações do trabalho: automação, uberização e direitos, atividade integrante do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado entre os dias 28 de novembro de novembro de 2023 a 01 de dezembro de 2023.

[2] Doutorando em Comunicação - linha estratégias Comunicacionais pelo Programa de Pós-Graduação e Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM). thiagotrindade95@gmail.com

economy" que pode ser traduzido do inglês como "economia de bico". Vale destacar que o surgimento de plataformas digitais como Uber e Lyft, em 2008 e 2009, respectivamente, contribuíram para o impulsionamento desse modelo de trabalho temporário sob demanda.

Além disso, a crise financeira de 2008, causada pela bolha imobiliária nos Estados Unidos, fez com que a realidade da economia de bico ganhasse espaço nos Estados Unidos e em muitos outros países da Europa. No entanto, aspectos econômicos, sociais e políticos indicam que as características de uma economia de bico já estavam incorporadas à realidade de países como Brasil e outros países latinos muito antes do surgimento das plataformas digitais (GROHMANN, 2020). Atualmente, essas atividades são facilitadas por dispositivos que permitem a conectividade do trabalhador, como aplicativos vinculados a telefones celulares com acesso à internet. Os novos modelos de negócio lucram ao conectar consumidores, empresas e prestadores de serviços autônomos. O cenário de uma economia de plataforma se caracteriza por diferentes tipologias que podem ser infraestruturais ou seguir segmentos específicos, como é o caso de empresas como Airbnb e Meta. No caso deste estudo, o foco está nos trabalhadores de plataforma, mais especificamente nos brasileiros que atuam com plataformas de entrega e transporte[3], enquadrados nas características de uma "location-based platform" (VALLAS, SCHOR, 2020) e que residem atualmente no Reino Unido.

As oportunidades de trabalho sob demanda, que incentivam o empreendedorismo individual, têm impulsionado trabalhadores de diferentes lugares do mundo a buscar um trabalho autônomo com possibilidade de rendimentos maiores do que poderiam receber em seus países de origem. Exemplo dessa migração é o caso de trabalhadores brasileiros que se mudaram para a Europa em busca de melhores oportunidades. Estima que cerca de 4,6 bilhões de brasileiros vivem fora do país, segundo o Ministério de Relações Exteriores. Ao todo, 42% desta comunidade vive nos Estados Unidos, maior diáspora brasileira fora do território nacional (GRELLET, 2023), seguidos por Portugal, Paraguai, Reino Unido e

[3] Trabalhadores de plataformas como Uber, Uber Eats, Deliveroo, Just Eat e Stuart.

Japão que integram a lista de países com maior comunidade brasileira. Estudos prévios denotam que a comunidade brasileira residente no Reino Unido têm papel importante na operação na economia de plataforma, estando amplamente inserida no trabalhado para plataformas digitais, principalmente através da função dos entregadores de aplicativo (MENDONÇA, 2022). Entretanto, a relação entre flexibilidade e autonomia do trabalhador para decidir como e quando trabalhar vem desaparecendo diante de realidades de trabalho cada vez mais longas, dependentes das lógicas das plataformas e com remunerações menores.

Grohmann apresenta que os níveis de dependência da infraestrutura digital para o trabalho materializam um processo de plataformização desta esfera (GROHMANN, 2020). O uso de plataformas digitais para o exercício laboral distingue trabalhadores entre aqueles que dependem das tecnologias daqueles que utilizam estes aparelhos como meros facilitadores da rotina de trabalho (TRINDADE, 2022). A partir desta ótica os trabalhadores de plataforma passam a desenvolver distintos modos de dependência das tecnologias para as suas principais formas de remuneração.

Diante dos pontos apresentados, duas questões norteiam essa pesquisa: primeiro, como se estrutura a relação de flexibilidade e dependência das plataformas digitais para o exercício do trabalho a partir do consumo de telefones celulares por trabalhadores migrantes brasileiros? E por último, como a relação do trabalho de plataforma na Europa impacta na realidade de trabalhadores migrantes brasileiros?. Para responder estas questões, o presente estudo faz uso de entrevistas semi-estruturadas e em profundidade, que aconteceram de março a junho de 2023 com um grupo de brasileiros migrantes que reside no Reino Unido.

Ao todo, foram entrevistados vinte trabalhadores brasileiros, contudo, o presente estudo dá enfoque a um grupo de 8 interlocutores que atuam como trabalhadores de plataforma, mais especificamente, entregadores e motoristas de aplicativos. O grupo contempla 7 homens e 1 mulher com idade entre 24 e 63 anos, que migraram de diferentes

localidades do Brasil com motivações distintas. O contato com os interlocutores se deu através da metodologia de bola de neve que viabilizou que cada um dos interlocutores pudesse trazer indicações de novos integrantes para a pesquisa. O estudo segue os princípios de uma inspiração etnográfica a partir da manutenção de um caderno de campo e observação de algumas das redes sociais de alguns dos interlocutores que integraram o grupo de pesquisa (HINE, 2015). As observações e as informações levantadas pelos interlocutores colaboraram para o surgimento de questões ao redor do tema da flexibilidade para o trabalhador migrante, principalmente aquele que trabalha com plataformas digitais.

Ao longo das entrevistas e parte da observação participante com alguns dos trabalhadores de plataforma percebeu-se que a ideia de flexibilidade para definir a rotina de trabalho trazendo mais liberdade de escolha ao trabalhador não é aparente. Plataformas como a Deliveroo, uma das plataformas mais citadas pelos trabalhadores entrevistados, utilizam em seus materiais de divulgação a noção de flexibilidade atribuída como "You choose when and how much you work" que pode ser traduzido como "trabalhe quando e quanto você quiser" trazendo a noção de liberdade de escolha e de tempo para os trabalhadores parceiros da plataforma. A flexibilidade aparece, por parte dos participantes, como uma narrativa favorável para o convencimento e manutenção dos trabalhadores na plataforma. Para Sebastião, participante da pesquisa com 42 anos, e que trabalha há 2 anos como entregador para empresas como Uber Eats e Deliveroo, os trabalhadores de plataforma podem ser divididos entre aqueles que dependem da plataforma para ganho de maior parte da sua remuneração, e aqueles que encaram a plataforma como um serviço temporário ou uma forma de complementar a renda. No caso dos trabalhadores migrantes, muitas vezes o trabalho como plataforma é a única opção de garantia de uma renda, visto que as difíceis condições de contratação para trabalhadores migrantes.

As narrativas de flexibilidade acompanham a noção de racionalidade empreendedora (DARDOT; LAVAL, 2016) que está vinculada a narrativa liberal de controle do local e horário de trabalho fixando-se na noção de "eu sou meu próprio chefe",

exemplo utilizado por um dos próprios participantes da pesquisa. Contudo, as rotinas de dependência de telefone celular, controladas pelas lógicas algorítmicas das plataformas condenam a jornadas de trabalho que podem ultrapassar 12 horas no dia, 7 dias por semana. As condições de trabalho extremas se amenizam a partir da justificativa de que é possível organizar a demanda de trabalho com liberdade, contudo alguns indivíduos apresentam que as lógicas de funcionamento impostas pelas plataformas, além da constante queda na remuneração, vem fazendo as jornadas de trabalho se tornarem maiores e mais cansativas para os trabalhadores, trazendo riscos de acidentes e prejuízos para os mesmos.

Por fim, os dados aqui apresentados são uma prévia do estudo que ainda está em desenvolvimento a partir da interpretação dos dados de pesquisa coletados de março a junho de 2023 com trabalhadores brasileiros que trabalham com plataformas de transporte no Reino Unido. A partir do aprofundamento da análise questões como flexibilidade, dependência e autonomia serão tensionadas com o aporte teórico da pesquisa.

Referências Bibliográficas:

ABÍLIO, Ludmila Costhek. The Uberisation of work: the real subsumption of 'getting by'. In: Historical Materialism. 13 de abril de 2017. Disponível em: https://www.historicalmaterialism.org/blog/uberisation-work-real-subsumption-getting. Acesso. 21/03/2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Cristian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GRELLET, Fabio. Onde vivem os brasileiros no exterior e quais os países preferidos? Veja lista. **Estadão**, 10 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/brasil/onde-vivem-os-brasileiros-no-exterior-e-quais-os-paises-preferidos-veja-lista-nprm/#:~:text=Quase%204%2C6%20milh%C3%B5es%20de,%C3%A9%20de%204.598.735%20pessoas. Acesso em 14 de agosto de 2023.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Eptic On-Line** (UFS), v. 22, p. 106-122, 2020.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury, 2015.

MENDONÇA, Mateus; WOODCOCK, Jamie; GROHMANN, Rafael. Composição de classe e migração para entender o trabalho por plataformas: o caso dos entregadores brasileiros no Reino Unido. **Caderno CRH**,v. 35, 2022. pp. 1-19.

TRINDADE, Thiago Álvares da. "Eu queria acabar com o Whatsapp": uma etnografia com grupos que almejam se desconectar das mídias digitais. In: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa, Paraíba.

VALLAS, Steven; SCHOR, Juliet B. What do Platform Do? Understanding the Gig Economy. **Annual Reviews of Sociology**, 2020. pp. 273-294.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**: Public Values In A Connective World. London: Oxford University Press, 2018.

Palavras-chave

Trabalho; Plataforma; Reino Unido; Brasil; Migrantes.